



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEATRO

JHONATAN SANTANA BATISTA

**O ENSINO DA ARTE NA BNCC DO ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA
DE UM ESTÁGIO**

São Cristóvão/SE
2024

JHONATAN SANTANA BATISTA

O ensino da arte na base nacional comum curricular do ensino médio:
Experiência de um estágio

Monografia apresentada para o Departamento de Teatro como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe, orientado pela Profa. Dra. Marcia Baltazar.

São Cristóvão/SE
2024

AGRADECIMENTOS

É com esse trabalho que concluo uma etapa muito importante em minha vida, foram cinco anos difíceis e de muitas mudanças. Quero agradecer em primeiro lugar ao meu Deus, que sempre foi lindo e gigante em minha trajetória, proporcionando o melhor caminho para que eu pudesse caminhar e hoje tenho a certeza que sou prova viva do amor dele.

Em segundo lugar, quero agradecer a mim por ter sido resiliente em todo o momento comigo mesmo; sempre busquei minha verdadeira essência para não me perder no caminho. Claro que tropeços e erros acontecem e são válidos, sou o resultado de vários erros.

Aos amigos que conquistei dentro da Universidade, obrigado por toda troca. Em especial para Iasmim e Francisco, obrigado por todas as risadas, desesperos, gritos, choros e todos os momentos que fomos a rede de sustento um do outro, vocês são parte de mim.

Agradeço aos meus professores, em especial a Marcia Baltazar, Gerson Praxedes, Joana Lavallé e Olivia Camboim, obrigado a vocês por todo carinho e conhecimento transmitido, sem vocês não chegaria aqui...

Agradeço a Maria Elza, a senhora com toda certeza é a minha maior inspiração. Para mim, a senhora é a definição de amor, mesmo eu não sendo o seu filho biológico, a senhora me amou imensamente, sempre se esforçou para nunca faltar nada em nossa mesa mesmo sendo sozinha para tudo; lutou e hoje estamos aqui. Obrigado por tudo que fez e faz por mim, sei que a senhora é capaz de enfrentar o mundo por mim e eu também sou pela senhora.

Agradeço a Simone, minha irmã. Juro que fiquei um tempo procurando palavras para falar sobre você. De todas as pessoas no mundo, eu acredito que você é a pessoa que mais confia em mim, até mais do que eu mesmo confio em mim. Durante todo o processo que vivi você sempre esteve no meu lado dizendo que ia dar certo e me apoiando; seja para o que for você estará ali. Sou o seu maior fã e sei que você também é minha maior fã. A prova disso é quando você colocou como toque do seu celular o meu áudio cantando azul da cor do mar, isso me marcou. Não bastando, você me presenteou com Lorena, que define para mim todas as formas de amor, ela é o meu presente maior e sou muito feliz de ser o tio. Amo vocês imensamente e eternamente.

RESUMO

A pesquisa partiu da minha experiência no Estágio Obrigatório III em um colégio que o Novo Ensino Médio Integral já tinha sido implementado. Diante das leituras da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC), afim de construir um plano de estágio, surgiu a questão se é possível proporcionar que o aluno desenvolva competências através das aulas de Arte. Foi selecionada a quarta competência da BNCC para se analisar o desenvolvimento dos alunos. No entanto, entendendo que o ensino de Arte é uma experiência subjetiva, como é possível avaliar/medir? Através do meu Estágio Obrigatório III, busco analisar as possibilidades de avaliação a partir do parâmetro da competência 4 e proporcionar uma leitura crítica sobre o documento.

Palavras-chaves: BNCC; Novo Ensino Médio Integral; Avaliação; Ensino de Arte; Ensino de Teatro.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
2.	ENTENDENDO A BNCC– 2018.....	11
2.1	O que é a BNCC?.....	11
2.2	Qual é a competência geral 4 da BNCC - 2018?.....	16
2.3	Função da disciplina Arte na BNCC -2018.....	18
2.4	Avaliação de Arte no Novo Ensino Médio Integral NEM	20
3.	ESTÁGIO OBRIGÁTORIO III (ENSINO MÉDIO INTEGRAL) ...	25
3.1	Primeiros passos no estágio III.....	25
3.2	Regência das aulas	29
3.3	Como avaliar competência em teatro?.....	32
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
	APÊNDICE I	41
	APÊNDICE II	44

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia é uma análise da minha experiência nas aulas ministradas no Estágio Obrigatório III do curso de Teatro-Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe, sob o enfoque da competência geral 4 da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio – 2018 (BNCC). Meu objetivo principal é, a partir da competência geral 4 da BNCC do Novo Ensino Médio Integral, entender se é possível avaliar tal competência ao ponto de o professor concluir que proporcionou ao aluno o desenvolvimento da competência por meio de suas aulas ministradas no Estágio Obrigatório III.

A educação é uma ferramenta de extrema importância para o desenvolvimento progressista de um país, a exemplo, o Brasil. Ela desenvolve também a formação do indivíduo em sociedade, evidenciando suas potencialidades, através de um processo de teoria e prática.

Creio que é possível afirmar que a educação é aquilo que alguém conquistou ao fim de um processo em que interagem a prática e a teoria, a teoria e a prática, a ciência e a técnica (*tekne*), o saber e o fazer. É um processo de vida, de construção, de experimentação. (Sampaio, et. al., 2002, p. 2).

Na perspectiva do trecho supracitado, faz-se necessárias leis e diretrizes para que se possa orientar através de normas essa educação no Brasil.

Atualmente existem as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No capítulo II, como meu primeiro objetivo específico apresento a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a fim de informar ao leitor o que é esse documento, o que são as competências tratadas e qual é seu objetivo. Em alguns pontos do capítulo, irei tecer a minha opinião em relação ao modelo do documento e a sua versão, mesmo não sendo o objetivo central da monografia. Falar da BNCC e expor opinião sobre o documento é indispensável, visto que em muitos pontos do documento entro em discordância.

Esses documentos educacionais vão sofrendo atualizações para que corresponda ao cenário e objetivos circunstanciais vividos em cada momento histórico e político brasileiro. Em 16 de fevereiro de 2017, através da Lei nº 13.415, houve alteração na LDB, conforme a ementa abaixo:

Altera as leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CTL, aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-lei nº 236, de 28 de

fevereiro de 1967; revoga a lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em tempo integral. (16 da Lei nº 13.415/02).

Consoante a aprovação da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, fez-se necessário atualização da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC) para que as diretrizes dessa lei fossem executadas. Em 2018, aconteceu a atualização na BNCC, com a intenção de colocar em prática o que estava homologado na Lei nº 13.415. Assim houve alteração do Ensino Médio para Novo Ensino Médio Integral e as disciplinas passaram a ser divididas em quatro áreas do saber que são elas: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e Suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Segundo a matéria de 19/12/2023 publicada no site do jornal Globo (g1), em 24 de outubro de 2023, no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi enviado ao Congresso Nacional uma proposta de alteração para o Novo Ensino Médio Integral, que prevê mudanças da proposta que está em vigor desde 2017. O mesmo jornal Globo informa, na matéria publicada em 20/03/2024, que essa proposta foi aprovada na câmara dos deputados no dia 20 de março de 2024 e será enviada para a análise do Senado. Portanto, a monografia está sendo desenvolvida durante esse processo de mudança do Novo Ensino Médio Integral.

A pesquisa partiu de uma análise da minha experiência docente no Estágio Obrigatório III, desenvolvido no ano de 2022, pela supervisão do Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva no Novo Ensino Médio Integral, o local foi o Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho, localizado no município de Itabaianinha/SE. Buscou-se analisar se é possível propiciar ao aluno o desenvolvimento da competência geral 4 da BNCC do ensino médio, através da experiência nas aulas ministradas no estágio, levando em consideração que qualquer processo artístico ou pedagógico é um trabalho de longo prazo.

Para saber se é possível o desenvolvimento de uma competência, penso ser necessário analisar como é o processo avaliativo que permite o professor medir se o aluno desenvolveu ou não tal competência. A BNCC do Novo Ensino Médio Integral define que o processo avaliativo tem que ser uma construção de avaliação formativa.

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos; (Brasil, 2018, p.7).

A avaliação formativa não tem uma forma definida de avaliar, o professor pode se utilizar de provas escritas, teste em grupos, dentre outras formas, para conseguir medir a aprendizagem desse aluno.

A avaliação é uma das atividades que ocorre dentro de um processo pedagógico. Este processo inclui outras ações que implicam na própria formulação dos objetivos da ação educativa, na definição de seus conteúdos e métodos, entre outros. A avaliação, portanto, sendo parte de um processo maior, deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento do estudante, como no sentido de uma apreciação final sobre o que este estudante pôde obter em um determinado período, sempre com vistas a planejar ações educativas futuras. Quando a avaliação acontece ao longo do processo, com o objetivo de reorientá-lo, recebe o nome de avaliação formativa” (Fernandes, 2007, p. 20).

No subtópicos 2.3 e 2.4 desenvolvo o meu segundo objetivo específico ao analisar a estrutura da disciplina de Arte na BNCC do Novo Ensino Médio Integral. Trazendo o olhar da disciplina de Arte, na qual seus processos de aprendizagens são subjetivos e individuais, como o professor consegue medir, por exemplo, que o aluno conseguiu desenvolver a comunicação através das diferentes linguagens, que é a quarta competência geral exigida na BNCC do Novo Ensino Médio Integral?

Os pensamentos de Beatriz Cabral no seu artigo “Avaliação em teatro: implicações, problemas e possibilidades” me fizeram entender que associar avaliação em Arte a objetivos pré-definidos é colocar limitações, “o maior problema da avaliação é o fato de o professor precisar ser conduzido por sinais exteriores para julgar o que pode ser basicamente uma experiência interior” (Cabral, 2002, p. 215). Como no trecho citado, para um professor avaliar um aluno em seu processo prático, a intuição do professor é necessária, pois avaliar um processo interno de criação de um aluno só pelos sinais exteriores que o mesmo está demonstrando é tarefa difícil.

Na época em que eu realizei o Estágio Obrigatório III, o componente curricular de Arte, como até o momento está estruturada na BNCC do Novo Ensino Médio Integral, era inserido na área de Linguagens e suas Tecnologias, junto com outros componentes curriculares como Língua Portuguesa, Educação Física e Língua Inglesa.

Essa implementação/mudança da (BNCC) - 2018 acabou tornando o ensino médio em Novo Ensino Médio Integral. Tal mudança recebeu várias críticas por parte de docentes e profissionais da educação. Uma dessas críticas, encontramos no artigo escrito por Tiago Cruvinel.

No momento em que o Ministério da Educação propõe uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que abranja todo o território nacional, em um país com tantas desigualdades sociais como o Brasil, isto é, enquanto houver uma discrepância em relação ao índice de Desenvolvimento Humano (IDH) nas regiões Norte e Sul do país, por exemplo, o documento já está fadado ao fracasso. (Cruvinel, 2021, p.4).

No parágrafo supracitado, o pesquisador Tiago Cruvinel explicita a questão da desigualdade social no país, ou seja, em um Brasil que é possível ver desigualdade tanto econômica quanto educacional de uma região, cidade ou até mesmo de um bairro para o outro, fazer um documento único que abranja todo o país é ignorar e não enxergar o contexto e diferenças de cada lugar do Brasil. Desta forma, o documento que tem por pilares a igualdade e equidade, voltando-se para um processo formativo de uma sociedade mais justa e igualitária, está longe de ser alcançado. Segundo o autor, precisamos de um documento que auxilie o processo educacional, olhando para a fragilidade, dificuldades e diferenças de cada lugar do país.

Por esse motivo, não é de se estranhar que haja tanta resistência de diferentes educadores e profissionais da Educação à implementação desse tipo de documento. Qualquer caminho em direção à equidade, que vise a minimizar as desigualdades, precisa passar, também, por mudanças significativas estruturantes nas esferas econômica, social e cultural, o que não vem ocorrendo no Brasil. (Cruvinel, 2021, p.4).

No entanto, seguindo as leis e na tentativa de diminuir essa desigualdade, cada estado do Brasil faz a construção do currículo educacional utilizando-se do contexto, suas culturas e suas especificidades para criar metodologias através desse currículo para o seu local. Tais informações são importantes para o leitor entender a organização dos currículos regionais e as competências existentes no mesmo.

Diante dessa fragilidade exposta, volto o pensamento para outra efemeridade que são as formas avaliativas e, através do capítulo III, trago uma análise sobre as formas de avaliação e a possibilidade do aluno desenvolver a competência geral 4, o que é o meu terceiro e último objetivo específico, ou seja, contextualizo as experiências das aulas ministradas no Estágio Obrigatório III. Tal estágio foi desenvolvido em uma das disciplinas eletivas (itinerários formativos) do Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho, cujo ensino já era em tempo integral. Uma análise no relatório final do estágio foi crucial para relembrar o processo das aulas e auxiliar na resposta da questão da pesquisa. É possível proporcionar ao aluno

desenvolver a competência geral 4 da BNCC do Novo Ensino Médio Integral através da experiência do Estágio Obrigatório III? Como é esse processo avaliativo para medir o desenvolvimento de competência? Foram necessárias duas entrevistas para me dar suporte na pesquisa, as mesmas se encontram nos apêndices da presente monografia.

Portanto, a minha pesquisa teve um caráter etnográfico e qualitativo, pois se valeu de fontes bibliográficas, como leis e artigos científicos¹, da minha a experiência pessoal de campo no Estágio Obrigatório III do curso de licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe e de entrevistas com professoras para obter informações sobre algumas lacunas surgidas com o desenvolvimento de minha investigação.

A monografia intenciona ser material para docentes e profissionais do ensino de Arte, que buscam entender como o componente curricular de Arte está inserido na BNCC e as questões subjacentes às formas de avaliar e desenvolver competências. O objetivo específico é a possibilidade de avaliar competência e como seria o processo avaliativo da competência geral 4 através da prática do componente, tendo como exemplo as minhas experiências vividas em meu estágio obrigatório.

Afirmo ainda que a pesquisa teve a intenção de analisar e entender se foi possível possibilitar ao aluno desenvolver a competência geral 4, através da minha experiência no Estágio Obrigatório III. Acredito que tal pesquisa é de relevância, visto que o Ministério da Educação está com o processo de mudanças do Novo Ensino Médio Integral. Oferecer uma análise crítica do ponto de vista da área do Teatro pode contribuir no debate sobre as necessárias mudanças e também auxiliar professores sobre avaliações de competências, de habilidades, de Arte e de Teatro.

¹ A identificação e seleção dos artigos foram realizadas nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), Plataforma de Periódicos da Capes e Google Acadêmico.

2. ENTENDENDO A BNCC – 2018

2.1 O que é a BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento criado pelo Ministério da Educação (MEC). A sua versão atual foi um trabalho que levou quatro anos de construção, visando à formação humana integral, uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como está descrito no documento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹ e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (Brasil, 2018, p. 7).

O documento traz normas e vem servir como um mapa da educação brasileira regendo todo território, na função de espelho para os estados, Distrito Federal, municípios e instituições de ensino, possibilitando uma base com objetivos para que educação básica brasileira seja desenvolvida de forma ética e que define as aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver durante todas as etapas da educação básica. Em sua estrutura, o documento obriga que o Ensino Médio se torne Ensino Médio Integral, aumentando a carga horária para três mil horas totais somados nos três anos do Ensino Médio. Essas horas foram divididas em mil e oitocentas horas aulas de disciplinas obrigatórias e mil e duzentas horas para optativas (itinerários formativos escolhidos pelo aluno). Tanto as disciplinas obrigatórias quanto os itinerários formativos têm o objetivo de desenvolver as habilidades e competências citadas nos documentos, encaminhando o aluno para o desenvolvimento da autonomia em seu projeto de vida.

A antiga conjuntura da educação básica exigia o cumprimento obrigatório da carga horária mínima anual de oitocentas horas tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio. Após criação da BNCC, veio a proposta do Novo Ensino Médio Integral aumentando assim a carga horária mínima anual como está na Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do caput deverá ser ampliada de forma progressiva, no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, devendo os sistemas de ensino oferecer, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos mil horas anuais de carga horária, a partir de 2 de março de 2017. (Brasil, 2017, Art. 24. § 1).

Tal mudança veio com objetivo de alcançar uma educação integral para o aluno, através do novo objetivo educacional que a BNCC preconiza, uma educação para desenvolver competências aos alunos e para ajudar o mesmo no seu projeto de vida frente ao mundo do trabalho. Então, foi necessário a modificação do Ensino Médio aumentando a sua carga horaria para que fosse criada disciplinas que estão nos itinerários formativos, buscando-se trabalhar habilidades e ajudar aos alunos em seus projetos de vida, na tentativa de desenvolver as competências gerais e tentando propiciar ao aluno uma educação integral. Tal termo é conceituado na BNCC como:

O conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir. (Brasil, 2018, p. 14).

O parágrafo supracitado define a educação integral segundo a BNCC. De acordo com o documento, educação integral é desenvolver do aluno a criatividade, resiliência, colaboração, comunicação, produção, responsabilidade dentre outras habilidades. Isso vai muito além do que só o acúmulo de informações, ou seja, é pensado em um aluno protagonista, com alta capacidade para lidar com problemas que possam aparecer durante a sua trajetória de vida, diante o mundo do trabalho e que possa desenvolver seu projeto de vida com responsabilidade e resiliência.

Volto meu pensamento para uma questão. Será que preparar os alunos para o desenvolvimento das suas habilidades pensando no mundo do trabalho não afastará esses alunos da prática de questões e conteúdos preparatórios para os concursos de ingresso às universidades públicas (vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio)? As universidades públicas serão povoadas por quem, se os colégios públicos estão preparando os alunos para uma realidade de protagonismo com suas habilidades no mundo do trabalho? Foram indagações que surgiram para mim durante a leitura do documento e o resultado do ENEM de 2023 confirma essas minhas indagações.

Segundo o site do G1, o Brasil só teve 60 redações com a nota máxima (mil), em 2023. Dessas redações, só 4 alunos eram da rede pública de ensino.

No total, 60 candidatos conseguiram tirar nota mil na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2023 - dessas, quatro eram da rede pública, segundo informou o Inep nesta terça-feira (16). Em 2022, o número de redações com pontuação máxima tinha sido de 18. (G1, 2023).

O processo para entrar em muitas universidades públicas é através da nota alcançada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. (MEC, 1998).

O ENEM é composto por 180 questões e uma dissertativa que é a redação. Nessas questões são cobrados conteúdos que eram vistos no primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio da antiga conjuntura. No Novo Ensino Médio Integral, isso entra em distorção, pois o ensino está voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades para o mundo do trabalho e a sua construção do projeto de vida, mas no ENEM é avaliado aprendizagem de conteúdo, o que reforça a minha fala anteriormente e o resultado mostrado no ENEM de 2023. Preparar os alunos de escolas públicas para o mundo do trabalho sem incentivar a uma formação educacional para o nível de graduação só estará promovendo mão de obra barata para o mercado. Qual projeto de vida terá esse aluno?

Para melhor organização do documento e qualidade no ensino, segundo a BNCC, as disciplinas foram divididas e organizadas por áreas do saber que são elas, Linguagens e suas Tecnologias (Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa); Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Física e Química); Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia).

Como forma de assegurar a aprendizagem do aluno, a BNCC do Novo Ensino Médio Integral tem em sua estrutura um conjunto de dez competências gerais a serem desenvolvidas durante as etapas do ensino médio, sendo essas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e

criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Brasil, 2018, p. 9).

Segundo a BNCC, o conceito de competência é definido pela ação de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais) atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p. 8).

Ao analisar essas informações, entendo que “competência” não é o assunto a ser aplicado (conteúdo) dentro da sala de aula, mas o resultado que precisa ser alcançado pelos alunos dentro da sala de aula no percurso de uma disciplina. Ou seja, dessa forma o professor já inicia o ano sabendo o que ele precisa ter como resultado para o aluno. Entretanto, para que um aluno possa desenvolver uma competência, é necessária toda a instituição adotar essa ideia,

é preciso que as outras disciplinas e professores tenham o mesmo objetivo de desenvolver tais competências. Ao analisarmos a estrutura como está o ensino, é impossível um professor desenvolver uma competência sozinho tendo só o suporte do seu horário de aula. Por exemplo, um professor de Arte que só tem uma aula por semana na turma, para ele conseguir possibilitar ao aluno desenvolver qualquer competência será difícil se os outros professores não usarem de suas respectivas disciplinas e seus conteúdos para trabalharem em conjunto tal competência.

Ao lembrar as minhas experiências de regência durante o Estágio Obrigatório III, entendendo também que a Arte é um aprendizado muito subjetivo. Por mais que o trabalho com a Arte seja coletivo, o resultado dela é reverberado individualmente em cada aluno. Eu como professor, que respeito e admiro o processo e como meus alunos se desenvolvem em minhas aulas, saber que eu tenho que proporcionar ao aluno um resultado certo desenvolvido, me deixa um pouco apreensivo. A BNCC não se preocupa com o processo? Fico me perguntando, a todo momento que leio o documento.

A BNCC, no capítulo “O pacto inter federativo e a implementação da BNCC”, mostra que os pilares do documento é igualdade, diversidade e equidade. Mas a própria estrutura educacional que está montada na BNCC se contradiz. Como uma educação tecnicista, capacitando o aluno para habilidades no mundo do trabalho conseguirá atingir equidade, diversidade e, principalmente, igualdade?

Enquanto o aluno de escola pública da rede estadual de ensino está desenvolvendo habilidades para ser mão de obra no mundo do trabalho, os alunos de escolas particulares estão estudando para garantir uma vaga nas universidades. A fala da professora Josenilda Marcedo, durante entrevista concedida, relata como o ensino nas escolas particulares está sendo ministrado. “Vou contar um fuxico, tem escolas particulares que estão só preenchendo e desenvolvendo o ensino integral só no papel, porque, na prática, os alunos estão estudando para o ENEM” (Marcedo, 2024).

O meu olhar é que a desigualdade irá aumentar. Mesmo com a lei de cotas nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que destina uma porcentagem das vagas nas universidades para população menos favorecida. Ou seja, existem cotas para pessoas de baixa renda e que estudaram em escolas públicas, pessoas autodeclaradas pretas, pardas, indígenas e quilombolas; pessoas com deficiências (PCD); essas cotas vem como reparação histórica para esses grupos. No entanto, este modelo de ensino para desenvolver a mão de obra para mundo do trabalho, deixando em segundo plano o ensino de conteúdo preparatório para a prova do ENEM, talvez possa distanciar

de estar cursando uma universidade a filha do pedreiro, o filho da empregada e de qualquer outra pessoa que esteja sendo ensinado nesse modelo.

Como já falei, só estou dando o meu ponto de vista sobre a nova versão do Ensino Médio Integral descrito na BNCC do Novo Ensino Médio Integral. É importante o meu ponto de vista para que o leitor consiga construir sua opinião sobre a BNCC e entender o que ela propõe para a educação brasileira. Dessa forma, faço a ponte para o objetivo da minha monografia: foi possível auxiliar os alunos a desenvolverem a competência geral 4 através das minhas aulas e dos conteúdos ministrados no Estágio Obrigatório III? Essa discussão será apresentada posteriormente.

2.2 Qual é a competência geral 4 da BNCC do Ensino Médio - 2018?

No conceito da BNCC, competência é entendida como:

Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p.8).

Tiago Cruvinel, em seu artigo cujo o título é “Qual o futuro da disciplina Arte a partir da BNCC do Ensino Médio?”, expõe o pensamento de que as competências citadas na BNCC não são conteúdos para serem trabalhos com os alunos na sala de aula. Ele traz como exemplo o teatro do oprimido de Augusto Boal.

Pode-se utilizar o Teatro do Oprimido, tanto como conhecimento da linguagem teatral em si, como também como um recurso para se trabalhar a competência seis por meio dos jogos e das metodologias de Augusto Boal que visam à liberdade, autonomia e consciência crítica presentes na competência citada. (Cruvinel, 2021, p.12).

Desta forma a BNCC reforça esse pensamento. Qualquer atividade pedagógica tem que ser voltada para o objetivo do desenvolvimento de competências.

Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho). (Brasil, 2018, p.13).

Para esta pesquisa da monografia foi escolhida uma, das dez competências gerais da BNCC do Novo Ensino Médio Integral. A escolha de uma competência foi pelo fato de que o meu Estágio Obrigatório III ter sido em uma escola estadual na qual já havia sido implantado o Novo Ensino Médio Integral. Dessa forma, trabalhei na sala de aula com o objetivo que pede

a BNCC do Ensino Médio, tentando desenvolver competências e habilidades entre os alunos. Para essa experiência, a competência escolhida foi a 4:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (Brasil, 2018, p. 9).

A escolha da competência foi após uma leitura e análise profunda nas dez competências. É notório que para essa competência escolhida ser desenvolvida na sala de aula, é preciso a disciplina de Arte, pois caminha por esses objetivos o uso das diferentes linguagens para se expressar e partilhar informações, ideias e sentimentos em diferentes contextos levando o entendimento mútuo do que se quer passar. A disciplina de Arte com suas vertentes (artes visuais, música, teatro e dança) consegue vivenciar todos esses objetivos com o aluno. O teatro, por exemplo, trabalha mais forte a linguagem corporal e verbal e as artes visuais conseguem unir o visual, o sonoro e o digital. Sabemos, então, a grande importância da Arte para o desenvolvimento dessa competência.

Através da disciplina de Arte, o professor pode apresentar ao aluno as diferentes manifestações artísticas e culturais para se observar as diferentes formas de se expressar. Com o auxílio do livro didático, o professor pode organizar a sua aula apresentando por etapas para os alunos as manifestações artísticas e culturais e sua importância para a sociedade. Pode propor também uma atividade de pesquisa local, pois no livro didático pode não conter manifestações locais da comunidade em que vivem. Ou então, uma pesquisa de campo para ouvir dos pais e pessoas de mais idades, quais as manifestações culturais e artísticas a comunidade local produz. Tais propostas poderão ser atividades de grande eficácia, colocarão os alunos em um lugar de pesquisadores ao analisarem como os grupos culturais se expressavam e traziam significados para a sociedade. Assim é um dos exemplos que pode ser trabalhado para mostrar as diferentes linguagens que a competência geral 4 menciona.

É preciso vivenciar com o aluno a experiência com as mais diferentes linguagens, verbal, corporal, sonora, visual e digital. Para ser possível desenvolver a linguagem corporal e verbal, o teatro auxilia. O professor pode se utilizar de jogos teatrais para desenvolver a consciência corporal, a confiança, trabalhar improvisação, a criatividade, dicção e outras habilidades que os jogos teatrais podem propiciar ao aluno. Essa competência permite o professor utilizar das linguagens para dar ao aluno a capacidade de se expressar e partilhar

informações ou alguma experiência de diferentes formas, para que possa facilitar o entendimento de todos. Por exemplo, quando os professores propõem uma peça de teatro para a turma apresentar na instituição de ensino sobre qualquer assunto, o professor está dando a oportunidade de o aluno trabalhar a linguagem corporal e sonora para falar sobre o tema. Da mesma forma, quando é pedido ao aluno que produzam um vídeo sobre algum assunto que vai ser exibido na instituição de ensino, o professor dá a oportunidade de se trabalhar a linguagem visual e digital com esse aluno. É sabido também que existem várias maneiras de se trabalhar com a disciplina de Arte dentro da BNCC. O documento deixa explícito qual a função da disciplina de Arte para desenvolver as competências gerais.

2.3 Função da disciplina Arte na BNCC – 2018

A Arte é uma vivência subjetiva, que possibilita sensibilizar e humanizar a pessoa que experimenta os processos, sejam esses no teatro, dança, música, audiovisual e artes visuais.

A Arte contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre racionalidade, sensibilidade, intuição e ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito relacionado a si, ao outro e ao mundo. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam no âmbito da sensibilidade e se interconectam, em uma perspectiva poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (Brasil, 2018, p. 474).

De acordo com o sentido do parágrafo supracitado, a BNCC define a contribuição da Arte no Novo Ensino Médio Integral como impulsionadora do conhecimento ao aluno relacionado a si, ao mundo e ao outro. A BNCC entende que o Ensino Médio é uma parte da vida na juventude, em que se desenvolve intensamente o conhecimento provindo de interesses, intelectualidade, sentimentos e expressividade. É evidente que nessa fase, os jovens tendem a ter uma autonomia, uma análise do mundo e de seus objetivos de vida. Por isso, a área da Arte vem a contribuir com essa criatividade, expressividade com racionalidade, ampliando o conhecimento do sujeito a si, ao outro e ao mundo.

A Arte deve ser trabalhada na escola como campo do estudo e da pesquisa, na mesma perspectiva das competências que a BNCC deixou definida. Cabe ao professor observar e proporcionar conhecimento para o aluno conseguir desenvolver as competências através de suas aulas. Durante os processos de aprendizagem, a BNCC deixa explícito que o estudante

pode relacionar ou problematizar de forma crítica os diferentes conteúdos passados pelo professor, podendo trazer para vivências locais, como, por exemplo, analisar culturas externas e culturas locais afim de aumentar seu repertório cultural.

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o cruzamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a garantir o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, de teatro, poemas e obras literárias, entre outros. (Brasil, 2018, p. 474).

Diante de todas essas definições da BNCC, entendemos que a Arte colabora para o desenvolvimento das tais habilidades e competência preconizadas no documento. Porém, existe uma questão na BNCC que fragiliza o ensino de Arte. Para que seja cumprido o objetivo da Arte no Ensino Médio, são precisos profissionais capacitados na área de Arte. Aqui a BNCC deixa brecha para que qualquer outro profissional da área das Linguagens possa ministrar a aula.

É importante lembrar que a LDB fala da obrigatoriedade do ensino de Arte, mas ela não diz que o conteúdo deverá ser ministrado apenas por profissionais licenciados na área. Embora a constatação seja óbvia, a lei não deixa isso explícito. Nesse caso, a escola poderá escolher romper com o conceito tradicional de disciplina e não contratar mais nenhum (nenhuma) docente específico(a) de Arte. (Cruvinel, 2021, p. 19).

O parágrafo supracitado detalha o que acontece na realidade, como exemplo, no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho. Na época em que fiz meu Estágio Obrigatório III, não tinha nenhum professor formado na área de Arte ministrando a disciplina, ficando designada a função de assumir a disciplina para outro professor de outra área de conhecimento. A professora e ex diretora Emanuele Tavares, na entrevista, fala sobre essa problemática.

[...] No caso de Arte, o que eu percebo é que está com duas aulas por turmas, porém tem um impasse muito grande para o que está no papel e o que acontece no chão da escola. Como tem 10 anos que teve um concurso público no estado, poucas escolas que eu conheço tem um professor formado na área lecionando. Por exemplo, lá no Centro de Excelência não tem um professor da área de Arte; então, é necessário um olhar para isso. (Tavares, 2024).

Tal realidade acaba fazendo com que o ensino de Arte não tenha um excelente desenvolvimento para os alunos, pois um profissional não capacitado para a disciplina de Arte

nunca será capaz de atingir objetivos e transmitir o conhecimento que é esperado e definido pela BNCC.

2.4 Avaliação de Arte no Novo Ensino Médio Integral (NEM)

Ao analisar a BNCC em busca de como seria o modelo de avaliação para os professores usarem no Novo Ensino Médio Integral com o objetivo aferir o desenvolvimento de competências, não encontrei muita coisa. O documento define que o modelo de avaliação tem que ser avaliação formativa.

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos; (Brasil, 2018, p. 17).

A ideia dessa avaliação formativa é que seja feita durante o processo de aprendizagem para que o professor consiga identificar se as metodologias do mesmo estão sendo efetivas para o aluno aprender, caso contrário o professor poderá recalculá-la e observar outra metodologia para dar continuidade ao processo da aprendizagem.

Segundo Allal (1986, p.176), “os processos de avaliação formativa são concebidos para permitir ajustamentos sucessivos durante o desenvolvimento e a experimentação do currículo”. Perrenoud (1999, p.143) define a avaliação formativa como “um dos componentes de um dispositivo de individualização dos percursos de formação e de diferenciação das intervenções e dos enquadramentos pedagógicos”. [Fernandes, et. al., 2007, p.21].

Segundo a BNCC, essa forma de avaliação é a mais democrática e inclusiva, já que o documento está baseado em uma educação para todos com equidade para se alcançar a igualdade. Entretanto, existe ainda uma questão que não foi respondida, como o professor fará para medir essa aprendizagem, pois é preciso que se defina a aprendizagem em números, ou seja, uma nota para se passar para o sistema do diário.

Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura. Essa é a base da distinção entre medir e avaliar. Medir refere-se ao presente e ao passado e visa obter informações a respeito do progresso

efetuado pelos estudantes. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas com vistas a planejar o futuro.

Portanto, medir não é avaliar, ainda que o medir faça parte do processo de avaliação. Avaliar a aprendizagem do estudante não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem. [Fernandes, et. al., 2007, p.19].

Como no texto supracitado, a avaliação não começa nem termina quando atribuímos a nota ao aluno, tem mais fatores envolvidos. Mas, o nosso sistema avaliativo consiste em medir a aprendizagem em certo ou errado e, sendo assim, acaba fazendo uma classificação do aluno entre aquele que aprendeu o conteúdo e o que não aprendeu. Essa ideia não é nada inclusiva, porém esse critério de avaliação ainda é usado.

No meu Estágio Obrigatório III, não tive a oportunidade de aplicar uma avaliação, não tive o contato com o diário da professora e como era registrado no sistema se o aluno conseguia desenvolver as competências gerais exigidas pela BNCC. Dessa forma, foi necessária uma entrevista com a professora que me supervisionou durante o Estágio Obrigatório III e a diretora do colégio, para eu poder sanar minhas dúvidas e conseguir chegar à conclusão do meu trabalho.

Na entrevista, perguntei se a eletiva implicava em alguma nota e como era registrado em diário. A professora me respondeu que não tinha avaliação e não tinha registro em diário.

A eletiva não implica em nota, até porque não é obrigatório e não tem avaliação. O aluno que escolhe qual eletiva mais se identifica e quer participar. Nós temos um sistema que é do Novo Ensino Médio Integral que colocamos o assunto trabalhado na eletiva e a metodologia usada, mas nota mesmo não tem. (Marcedo, 2024).

Após essa pergunta, concluí que os professores não têm um resultado concreto para saber se desenvolveram ou não alguma competência do aluno, pois não é cobrada avaliação para medir o desempenho em relação ao objetivo da eletiva, que, no caso, é desenvolver as competências. Desta maneira, a eletiva não influencia na aprovação ou reprovação do aluno.

Não influencia diretamente, se caso esse aluno esteja precisando de nota para ser aprovado e for para um conselho de classe, os professores podem levar em consideração a participação e desempenho desse aluno na eletiva, porém não é regra do sistema, são casos que acontecem aqui no colégio. (Marcedo, 2024).

Observo que as eletivas desenvolvidas nos itinerários formativos não são levadas com importância, pois não faz sentido propor uma nova disciplina para desenvolver as competências e habilidades dos alunos e os professores não têm o resultado se está sendo

desenvolvido o objetivo; pois não existe uma forma de medir se conseguiu-se ou não que o aluno desenvolvesse tal competência. Parece que é só para dizer que está sendo aplicado o Novo Ensino Médio Integral, mas na verdade, o professor não tem um resultado avaliativo para saber se está sendo desenvolvido com excelência as competências e habilidades. Claro que essa questão não é específica desse colégio, pois existem dúvidas acerca de como avaliar no Novo Ensino Médio Integral relatadas em artigos e outros meios.

Seguindo esse olhar, surgiu uma dúvida sobre capacitações que o governo disponibiliza para auxiliar os professores nessa nova maneira de ensinar, queria saber se o governo nessas capacitações proporciona conhecimento e modelos para se avaliar as conquistas dos alunos nesse Novo Ensino Médio Integral:

Fazem as capacitações, uns encontros, mas explicar de fato e dar suporte, não! Quando chegou para nós professores esse novo jeito de ensinar, ficamos nos perguntando, e agora, o que eu vou ensinar? Fomos estudar por fora, fazer especializações por conta própria para poder ensinar. (Marcedo, 2024).

Com essa fala, sinto que os professores estão inseguros e com dúvidas acerca de como ensinar nesse Novo Ensino Médio Integral e como avaliar os processos com foco no desenvolvimento de competências e habilidades. A professora, a ser questionada sobre se é possível desenvolver competência do aluno, respondeu o seguinte:

Olha, vou ser bem sincera, ninguém nunca consegue desenvolver e aprender nada 100%. Tem aqueles que ficam conversando e se dispersam. Até numa aula comum com conteúdo, é difícil um aluno aprender tudo, mas acredito que é possível desenvolver sim (Marcedo, 2024).

O parágrafo supracitado mostra o olhar da professora Josenilda Marcedo acerca de não ser possível ensinar algo 100% a um aluno. Questionei a mesma sobre quais são os tipos de avaliações usadas por ela para medir o desenvolvimento das competências dos alunos:

Não uso uma avaliação objetiva, avalio pela avaliação socio emocional que é o comprometimento do aluno, participação, pelo respeito, valores que consigo observar durante a vivência na escola que foram desenvolvidos. Observo o que foi feito no caderno, como foi a interação desse aluno nas atividades praticadas, oficinas, debates e o relacionamento com os outros colegas e professor. Responsabilidades de horário, justificar falta e entre outras questões; essa é a maneira de avaliar. Depois, observo as competências e vou analisando com esses pontos para saber se o aluno conseguiu desenvolver e tirar uma conclusão. (Marcedo, 2014).

Esse foi o relato da professora na eletiva que participei, porém fui saber com a ex-diretora e professora Emanuele Tavares como é o processo avaliativo dos outros professores para os seus respectivos componentes curriculares.

Em relação a forma de avaliação, vou usar a disciplina de Arte como exemplo. Como as disciplinas estão separadas por área, a disciplina de Arte está na área de Linguagens. Dessa forma, cada disciplina da área elabora três questões para formar um simulado e é válido como parte da pontuação. A segunda parte é a avaliação socioemocional, que o professor irá levar em consideração o comportamento do aluno e desenvoltura dentro da sala de aula, atividades que o professor considera que são necessárias para avaliar o desenvolvimento do aluno, a exemplo de seminários, roda de conversar, outras formas de avaliar que não seja prova escrita, pois sabemos que existem várias formas de avaliar o aluno. Através dessas possibilidades, o professor observa quais competências o aluno conseguiu desenvolver. Estou falando das aulas das disciplinas e não das eletivas, pois não se precisa de uma avaliação objetiva. No final, as notas são dadas por áreas do conhecimento, é somada as notas das avaliações de todas as disciplinas dentro da área, dividida pela quantidade de disciplinas e é obtida o valor da nota por área do conhecimento. (Tavares, 2024).

Tais respostas encontradas por meio das entrevistas reforçam o pensamento de Beatriz Cabral já citado nessa monografia sobre a necessidade da intuição do professor para uma conclusão de um processo interno, através de resultados externos reverberados pelos alunos. Pois a avaliação socioemocional utilizada no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho parte do olhar intuitivo do professor através das práticas e ações mostradas pelos alunos.

Desta maneira, o Novo Ensino Médio Integral consegue preparar o aluno para o pós escola/colégio?

Esse Novo Ensino Médio está recebendo muita crítica. Eu mesma trabalho na eletiva de projeto de vida e os alunos não sabem o que querem para futuro. No primeiro ano, faz a minha eletiva e, no outro ano, vai para outra. Chega no terceiro ano e se descobre em outra eletiva. No final, não consegui sair com nada concreto, mas acredito que para alguma coisa serviram essas experiências. Porém, é muito bonito no papel e na prática não acontece. Vou contar um fuxico, tem escolas particulares que estão só preenchendo e desenvolvendo o ensino integral só no papel, porque, na prática, os alunos estão estudando para o ENEM. Até nas escolas públicas mesmo, tem professores que na sua eletiva estão dando os assuntos e conteúdos aprendidos na sua formação e não o que era para ser desenvolvido na eletiva. Eu acho que as competências e habilidades pode ajudar os alunos no mundo depois da escola, porém não irá salvar e resolver todos os seus problemas. (Marcedo, 2024).

São nítidas as brechas para falhas do Novo Ensino Médio Integral, seja em desigualdade, processo de ensino/aprendizagem e outras que foram expostas nessa monografia.

Para uma conclusão do capítulo, entendemos que a alteração da BNCC para o Novo Ensino Médio Integral foi uma tentativa de propiciar uma educação integral ao aluno e diminuir a desigualdade. Mas, o próprio documento traz a incoerência, pois como já foi dito, o ensino para o mundo do trabalho só reforça a desigualdade visto que são realidades diferentes de cada discente e esse formato de ensino não busca mudar a realidade. Com o objetivo de desenvolver competências, a BNCC coloca o professor em uma nova conjuntura de ensino e avaliação de competências que são quase todas subjetivas, deixando o professor em uma dúvida de como medir o desenvolvimento dessas competências. Por sinal, o próprio governo não busca saber os resultados e nem obriga avaliação nos itinerários formativos. Durante o capítulo também foi apresentado o objetivo do que a BNCC espera do ensino da Arte nas escolas e o processo de fragilização desse componente, na brecha de abrir espaço para outros profissionais das áreas das Linguagens ministrarem o componente Arte. No seguinte capítulo será mostrado o exemplo da minha experiência no Estágio Obrigatório III que só afirma tudo que já foi exposto até aqui.

3. ESTÁGIO OBRIGÁTORIO III (ENSINO MÉDIO INTEGRAL)

3.1 Primeiros passos no Estágio Obrigatório III

Caro leitor, nesse capítulo será descrita a minha experiência no Estágio Obrigatório III, afim de mostrar para vocês o meu processo e minha vivência na docência, buscando entender se é possível avaliar, estabelecendo como critério a competência 4, ao ponto de o professor concluir sobre o desenvolvimento da competência dos alunos conquistada por meio de suas aulas.

Sabemos que o Estágio Obrigatório tem o objetivo possibilitar a prática ao futuro professor com experiências que as aulas dentro da Universidade não conseguem possibilitar, ajudando na sua formação como profissional. Comigo não foi diferente, o meu estágio foi executado no ano de 2022, com a supervisão do Prof. Dr. Gerson Praxedes Silva em um colégio da cidade de Itabaianinha no interior de Sergipe, colégio cujo nome é Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho. Escolhi esta escola para desenvolver meu Estágio Obrigatório III por uma questão de afeto, pois nesse mesmo colégio conclui o meu Ensino Médio, em 2018. No entanto, quando fui ao colégio preencher os documentos para enviar ao departamento do meu curso para a efetuação da matrícula na disciplina de estágio, deparei-me com umas cenas dentro colégio. Observei alunos construindo horta, outros grupos de alunos fazendo práticas de marcenaria, salas sem carteiras chamadas de sala do projeto de vida, com almofadas e tapetes.

Quando me formei, em 2018, o colégio não tinha sofrido a mudança para o Novo Ensino Médio Integral e em 2019 começou a implementação do Novo Ensino Médio Integral no colégio, por mais que eu soubesse como era e já tivesse lido o documento da BNCC, eu não tinha entrado em um colégio que houvesse implantado o Novo Ensino Médio Integral na conjuntura da BNCC. Assumo, fiquei curioso em saber como estava sendo essas aulas e os itinerários formativos.

Em entrevista feita com a professora e ex diretora do Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho, ela explicou como foi o processo de implementação do Novo Ensino Médio Integral nessa escola.

Para implementar o Novo Ensino Médio Integral não é só chegar na escola e dizer que a escola foi escolhida, a proposta vai parar no conselho escolar e a escola não é obrigada a aderir ao Novo Ensino Médio em tempo integral. Mas, caso a escola optar

em não aderir, precisava apresentar um contraproposta para mostrar como funcionaria durante 10 anos o ensino nessa escola e de uma forma que essa proposta vencesse a proposta do Novo Ensino Médio Integral. Então, quando foi analisado a proposta do Novo Ensino Médio Integral, os investimentos do governo e a perspectivas futuras, chegamos a um consenso, que seria melhor implementar. (Tavares, 2024).

Através do parágrafo supracitado é evidente que era algo novo para a escola e que iria surgir dificuldades para se implementar algo que não se sabia direito o que era a proposta.

Foi tudo muito novo, investimos em tempo de estudo, várias formações disponibilizadas pelo governo e seleção de novos professores para o Novo Ensino Médio Integral. A escola, pelo dia, era em tempo integral para as turmas de 1º ano e 2º ano, 3º ano e, à noite, o ensino regular, durante o processo de implementação. Uma das maiores dificuldades que tínhamos era em estrutura da escola. (A escola) Não estava preparada para essa mudança. Começaram a acontecer alguns reparos paliativos e só agora, em 2024, começou reforma na parte física. Mas, os incentivos do governo eram diretos para escola, as verbas vinham já destinadas com o material físico, como armários, equipamentos tecnológicos, materiais de uso do dia a dia, entre outros. Esse começo foi desafiador para entender como funcionava essa grade tão diversificada e tão diferente do ensino anterior. Por exemplo, as eletivas é algo que não era da nossa realidade e com ajuda da diretoria regional e contato com outras escolas começamos a caminhar. (Tavares, 2024).

Foi me dado duas possibilidades neste colégio, eu poderia estagiar na aula da disciplina de Arte, ou eu poderia escolher algum itinerário formativo para acompanhar. As aulas de Arte, no colégio, estavam sendo ministradas por um professor formado em Sociologia, por não haver profissional contratado na área de Arte.

Voltando o pensamento para a fala de Tiago Cruvinel de um trecho supracitado no capítulo anterior, a LDB deixa obrigatório o ensino das Arte tanto no ensino fundamental, quanto no médio, porém no documento não diz que tem que ser um profissional da área que ministre tal disciplina. Por mais obvio que seja, isso não acontece na prática, podemos observar a minha experiência no estágio no colégio: a disciplina era ministrada por um profissional formado em outra área do conhecimento. Entendemos que a Arte não está considerada como uma área de conhecimento, está dentro da área de Linguagens como apoio, assumindo um papel secundário.

O enquadramento da Arte como componente curricular da área de Linguagens - e não como área do conhecimento - faz com que a própria Arte assuma um papel secundário nos processos de ensino e aprendizagem preconizados pelo documento. O foco todo da área de Linguagens se volta para a alfabetização e letramento, fazendo com que a Arte figure como uma espécie de componente de apoio para o objetivo central várias vezes assumido pela BNCC: a Língua Portuguesa. (Moraes, 2023, p.98).

Essa função de apoio designada para a disciplina de Arte diminui o olhar importante que a disciplina tem em função de ser uma área do conhecimento e ter capacidade, instrumentos suficientes para aprendizagem dos alunos.

Portanto, a Arte na BNCC deve atingir objetivos que estão necessariamente fora dela: assegurar o desenvolvimento de determinadas competências por parte dos alunos e essas competências devem ser comprovadas no componente Língua Portuguesa. Portanto, conforme a legislação, a partir do ano de 2020 o componente Arte na Educação Básica estará limitado a um instrumento pedagógico que objetiva atender habilidades e competências de outros componentes. (Guilarduci, 2020).

Como eu já tinha tido a experiência do componente curricular de Arte no Estágio Obrigatório II no Ensino Fundamental, decidi experimentar algo novo e mergulhar no itinerário formativo do projeto de vida, cujo tema que estava sendo trabalhado tinha como título “Saúde mental na rede social: e fora dos stories você está bem? Pós pandemia”.

Ao chegar para me apresentar para a professora que eu iria acompanhar nas aulas, a mesma me explicou como estava sendo as aulas. Ela passava artigos sobre o tema e pedia resumo para os alunos do que eles liam. Em outro momento marcado na aula, fazia uma roda de conversa sobre as leituras, afim de produzir um produto de apresentação artística teatral para apresentar na CIENART (Feira Estadual de Ciências, Tecnologia e Artes de Sergipe), concorrendo na categoria de apresentação de palco. Tudo isso foi pensado antes da minha chegada no colégio e, quando me apresentei, a professora ficou muito feliz que um profissional do teatro estaria trabalhando com ela. Entretanto, eu estava ali para ministrar uma aula de teatro e afim de produzir na prática tudo que havia aprendido nas aulas durante minha graduação. Eu não queria usar o teatro como apoio para outro assunto, porém, como a eletiva (itinerário formativo), não podia sair do objetivo, submeti-me a tentar aplicar uma aula de teatro alinhada com o foco que tinha a eletiva.

Foi um processo longo de leitura e conversa com os alunos para que eles pudessem entender o objetivo da eletiva (itinerário formativo). Em resumo, quanto ao assunto abordado, a professora queria mostrar para os alunos que o uso excessivo dos celulares, das tecnologias e das redes sociais poderiam gerar um vício.

O projeto saúde mental, no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho, surgiu da repercussão de uma aula cujo tema era “Redes Sociais”. Em que foi percebida uma forte interação dos estudantes do ensino médio, tanto pelo isolamento que vivíamos, quanto pela fase de vida deles, em que as emoções oscilam muito e são facilmente influenciados. Através de leituras baseadas em estudos das Neurociências com a neurocientista Doutora Rosana Alves e em psicologia com a cientista e pesquisadora da Universidade de Howard, Amy Cuddy, pudemos entender

o quanto é prejudicial o uso excessivo das redes sociais, principalmente pela imaturidade dos nossos jovens, que tendem a se comparar sem compreenderem as diferentes realidades e perturbarem suas identidades, não aceitando as próprias particularidades. O que acarreta em crises de ansiedade e depressão. Diante disso, por meio da arte, promovemos momentos de relaxamento e reflexão, utilizando da arteterapia, por exemplo, para equilibrar as emoções com desfoco das tensões e expressão dos sentimentos, no que observamos resultados satisfatórios nas reações dos estudantes ao participarem dos mesmos. Utilizamos também da poesia, música e teatro, a partir dos quais germinou a apresentação artística “Você tem vida real além dessa que insiste em postar?” Com o objetivo de conscientizar os estudantes sobre o muito tempo investido no mundo virtual e o pouco vivido no real. Com essas ações não se pretende abolir o uso das redes sociais, e sim orientar a moderação necessária ao fazê-lo para que não se perca a vida real. (Macedo et al, 2022, p.118).

O parágrafo supracitado é o resumo da eletiva (itinerário formativo) que foi enviado e publicado no livro de resumos dos projetos selecionados para a CIENART-2022.

Particpei de todas as rodas de conversa sobre o tema discutido, porém não fiquei mediando essas rodas. Fiz o papel de aluno, li sobre o assunto e discutimos nas conversas, pois ficou decidido com a professora que eu começaria a ministrar as aulas sozinho com o objetivo de criar o produto artístico teatral para apresentar como resultado da eletiva (itinerário formativo). Foi através desse processo que eu decidi ter foco em tentar desenvolver uma competência durante o meu estágio.

Ao ler as competências gerais, observei que a 4^a. tinha muita semelhança com o que eu iria fazer em meu estágio. A mesma define que o professor deve utilizar das diferentes linguagens para se expressar, afim de partilhar informações que levem ao entendimento mútuo de determinado assunto ou ideia. Foi aí que liguei os pontos, meu papel dentro do estágio foi produzir uma peça de teatro para mostrar como produto para a CIENART o que a eletiva (itinerário formativo) estava trabalhando com os alunos. Ou seja, usei da linguagem teatral para transmitir de forma mais dinâmica um assunto para que chegasse ao entendimento mútuo na CIENART.

No próximo subtópico, irei detalhar como foi a minha experiência ministrando as aulas e quais práticas teatrais desenvolvi com os alunos para construir a peça de teatro. É importante lembrar que eu estava ministrando as aulas em uma eletiva (itinerário formativo) e não em uma disciplina curricular de Arte, essa informação de como foi o estágio é de extrema importância para que possamos entender o resultado final da minha monografia.

3.2 Regência das aulas

Depois de várias leituras e conversas sobre o tema da eletiva (itinerário formativo), chegou o momento da prática e construção da peça. A professora da turma me deixou bem tranquilo e me deu carta branca para criar. Foi bem desafiador, pois eu não tinha muito tempo para construir a peça com os alunos, só eram os encontros nas aulas e de início precisei conhecer o nível de expressão que os corpos desses alunos tinham. Eu estava em um colégio que não tinha oficina de teatro e a disciplina da grade curricular de Arte não era ministrada por um professor formado na área. Então, estava em uma situação em que eu precisaria trabalhar da base para poder construir uma peça de teatro.

Já que os alunos não tinham costume em atuar e se expor ao público para alguma produção artística, decidi trabalhar com jogos teatrais da Viola Spolin que tem três pilares: o foco, a instrução, a avaliação. Utilizei dos jogos de improvisação, jogos de confiança, jogos de concentração e outros que o fichário da Viola Spolin disponibiliza para nós professores de teatro. O próprio livro responde o porquê de levar os jogos teatrais para sala de aula.

Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin é um curso organizado para o professor de classes regulares que quer trazer o prazer, a disciplina e a mágica do teatro para a sala de aula. Devido às incríveis demandas colocadas hoje à escola, corremos o risco de professores e alunos ficarem exauridos ou automatizados, sem perceber que isso está ocorrendo. Experimentar os jogos teatrais em sua sala de aula pode trazer novo alento (e mais)!

Os jogos teatrais foram originalmente concebidos por Viola Spolin para ensinar técnicas teatrais para jovens estudantes, escritores, diretores e técnicos, sem se constituírem em lições de como fazer. Por meio do jogo e de soluções de problemas, técnicas teatrais, disciplinas e convenções são absorvidas organicamente, naturalmente e sem esforço pelos alunos.

Jogos teatrais, experimentados em sala de aula, devem ser reconhecidos não como diversões que extrapolam necessidades curriculares mas sim como suportes que podem ser tecidos no cotidiano, atuando como energizadores e/ou trampolins para todos. Inerente a técnicas teatrais são comunicações verbais, não-verbais, escritas e não-escritas. Habilidades de comunicação, desenvolvidas e intensificadas por meio de oficinas de jogos teatrais com o tempo abrangem outras necessidades curriculares e a vida cotidiana. (Spolin, 2001, p. 20).

Separei três aulas para aplicar alguns jogos teatrais com os alunos afim de trabalhar a expressão corporal com eles. Na primeira aula, utilizei do jogo “ouvindo o ambiente (A3)” que, segundo instrução da Viola Spolin, os jogadores (alunos) permanecem imóveis, deitados ou sentados de olhos fechados por um determinado tempo. É importante que os jogadores (alunos) prestem atenção nos diferentes sons emitidos no ambiente. Logo após, propus o jogo “Sentindo o eu com o eu (A2)” que a Viola Spolin em seu fichário orienta que os jogadores

(alunos) estejam em silêncio e sintam o que fisicamente está em contato com seus corpos. Todos esses jogos da Viola Spolin seguem de uma instrução pelo mediador (professor).

Nesse mesmo dia, fizemos os jogos “Caminhada no espaço #1 (A6)”; “Espelho (A15)”; “Eu vou para a lua* (A70)”. Esses jogos partem de uma percepção corporal e sensorial, no qual permite se perceber enquanto pessoa e perceber o outro. Observei nessa aula que os alunos sentiram prazer em fazer os jogos, porém, houve dificuldade para se concentrar nas atividades e ficaram com um pouco de estranhamento de fazer os jogos.

Sabemos que o teatro é uma troca entre pessoas e trabalho coletivo. Pensando assim e baseado na experiência da primeira aula de jogos teatrais, decidi trabalhar foco e confiança com os alunos afim de estabelecer conexões entre os mesmos.

No início da segunda aula, propus o jogo “Exposição (A1)” que demonstra para os alunos o que é foco. Segundo instruções do fichário da Viola Spolin, o professor deve pedir para a turma se dividir em dois grupos que serão denominados de grupo 1 e grupo 2. Começaremos o jogo, o grupo 1 foi para frente da sala e os jogadores ficaram em pé para que o grupo 2 observasse eles, os mesmos ficaram sem fazer nada até que se causasse um desconforto. O professor, ao perceber tal desconforto, pede para que os alunos do grupo 1 que estão sendo expostos, comecem, por exemplo, a contar as cadeiras da sala, afim de tirar o foco no desconforto que eles estavam sentindo ao estarem ali sendo vistos, designando uma coisa para fazer que é contar as cadeiras da sala. Após, o professor pede para trocarem os grupos, para que todos passem por essa mesma experiência. No final, é obrigatório que o professor faça uma avaliação do jogo, explicando que isso foi uma demonstração de foco e que em todos os jogos teatrais que serão feitos é preciso manter o foco.

Continuei a aula aplicando os três jogos de “Caminhada no espaço, #1 (A6), #2 (A7) e #3: esqueleto (A8)”, com a intenção de percepção corporal, do movimento físico e expressão. Ao final dessa aula, fiz uma roda de conversa com intenção de mostrar para os alunos que o espaço que estávamos era seguro para se experimentar.

Chegamos na última aula dos jogos teatrais para poder partir para criação do roteiro e cena. Nessa terceira aula, experimentei jogos de improvisação, fiz um aquecimento com “Caminhada no espaço #1 (A6)” e com “Eu vou para a lua* (A70)”. Decidi repetir esses jogos pois observei que na aula anterior, os alunos mostraram prazer em jogar esses. Após o término desses jogos, propus o “Cego (B52)” utilizando o “Onde”, “Quem” e “O Quê” da cena.

Segundo orientação da Viola Spolin, os jogadores entram em um acordo do “Onde” (local que a cena acontecerá), “Quem” (personagens da cena) e “O Quê” (ação que os personagens farão em cena). Após a escolha, os jogadores que irão jogar começam no centro de olhos vendados e fazem a cena afim de resolver e mostrar tudo que ficou definido no “Onde”, “Quem” e “O Quê”. Esse jogo trabalha muitas coisas, dentre essas, a improvisação. Decidi adaptar o jogo e não fazer vendando os olhos dos alunos, por observar que os mesmos ficariam mais confortáveis sem a venda nos olhos.

Algo interessante que aconteceu durante essa última aula é que os alunos definiram que o “Onde”, “Quem” e “O quê” da cena em uma situação que envolveu o tema trabalhado na eletiva que era “Saúde mental na rede social: e fora dos stories você está bem? Pós pandemia”. Definiram o “Onde” como um quarto de um adolescente, o “Quem” eram dois, uma mãe com seu filho e o “O quê” seria uma briga para sair do celular. Eu como professor da turma, gostei quando os alunos sugeriram esses exemplos, porque conversava com o tema que a eletiva (itinerário formativo) tinha como objetivo e dessas improvisações saíram cenas muito boas.

Finalizadas as três aulas dos jogos teatrais, partimos para a ideia de construir uma peça para ser apresentada como resultado da eletiva (itinerário formativo) na CIENART. Sentamos em círculo no chão e começamos a conversar para criar um roteiro da peça. Logo os alunos sugeriram que continuasse com a ideia do jogo de improvisação da aula anterior e que fosse usada a mesma ideia do “Quem”, “Onde” e do “O quê”. Eu amei a ideia e começamos a construir. A peça se passava em um quarto de uma adolescente que estava viciada nas redes sociais, sua mãe era uma professora de Arte de uma escola pública e já não sabia o que fazer para tirar a filha do vício. Certo dia, a sua mãe se recorda que a filha quando criança gostava de pintar quadros e resolve comprar tintas e telas brancas para presentear à filha, que através da Arte consegue sair do vício. Essa foi uma sinopse da peça construída por mim e os alunos durante as aulas.

O processo de divisão de personagens foi igual uma seletiva. Passei o roteiro para cada aluno e informei que eles teriam que defender o personagem que sentissem vontade de atuar. Era necessário separar um trecho das falas desse personagem e na aula seguinte iria atuar para assim distribuímos os alunos aos seus respectivos personagens. Essa seletiva foi muito interessante, pois consegui observar improvisações e triangulação em cena. Assim foram definidos os personagens e começamos os ensaios. Antes dos ensaios, eu sempre aplicava um

aquecimento, passava texto e seguíamos para as movimentações. Para o processo de confecção de cenário e figurino, os alunos que pensaram e construíram em horário fora da eletiva (itinerário formativo). Não foi um pedido meu ou da professora, os alunos que se colocaram a fazer. Assim, construímos a peça com cenário, figurino, sonoplastia e afins. Apresentamos a peça em 23 de outubro de 2022 na CIENART, conseguindo a 3º colocação na categoria de palco.

Concluo a descrição do processo das minhas aulas do Estágio Obrigatório III. Não tive a oportunidade de aplicar nenhuma avaliação para aferir o desenvolvimento da competência 4 e não presenciei a professora que estava me orientando no estágio aplicar qualquer avaliação, já que a mesma afirmou na entrevista que a eletiva não tem avaliação.

Mas ainda resta a questão, como os professores do Novo Ensino Médio Integral conseguem, através da avaliação, definir se os alunos conseguiram desenvolver a competência através dos conhecimentos ministrados durante as aulas? No próximo subtópico argumentarei sobre esse assunto.

3.3 Como avaliar uma competência em teatro?

Como dito, avaliar na educação é poder medir algum conteúdo afim de saber se o aluno aprendeu ou não. Os professores utilizam-se de provas, exercícios, atividades e outras formas tradicionais utilizadas para se chegar ao um resultado da aprendizagem. Dessa forma, subentendesse que existe uma classificação entre melhores e piores notas, fazendo uma seleção entre os alunos. No ponto de vista do ensino de Arte, mais precisamente o ensino do Teatro, o professor não está na educação básica para formar “atores”. Então, a avaliação talvez possa afastar o encanto pela Arte do aluno se houver uma nota que ele receba de um processo que é subjetivo e avaliado na relação intuitiva do professor ao observar os resultados que o aluno externaliza. O parágrafo abaixo de Miguel Falcão resume o pensamento:

A avaliação tem tendido a ser mal recebida pelas áreas da educação artística, entre outras razões identificadas por Elliot W. Eisner, porque “se baseia em juízos sobre a qualidade do trabalho dos alunos, que podem ser considerados obstáculos à libertação do seu potencial criativo” (2004, p. 219), e porque recorre por norma a algum tipo de medição, o que alguns consideram incompatível com as artes, uma vez que, naquela

lógica, “as artes valorizam tipos de experiências que não se podem quantificar” (Ibidem). Porém, os professores que abordam o teatro também avaliam e, se necessário, também classificam, inscrevendo mais comumente as suas práticas no paradigma da “intuição pragmática” (Serpa, 2010), com recurso a informações recolhidas de forma ocasional e intuitiva, na maior parte das vezes através de observação direta. (Falcão, 2014, p. 155).

Esse fator da subjetividade que o ensino do teatro traz, acaba dificultando como avaliar, pois “o teatro é, por natureza, uma área multidisciplinar, na qual confluem e se cruzam diversos saberes, competências e aprendizagens, o que poderá tornar mais complexo o ato de avaliar. (Falcão, 2014, p. 157). Se é uma aula de teatro, eu com as experiências que tive na minha graduação, entendo que a avaliação também tem que ser utilizando o teatro. Beatriz Cabral (Biange) confirma essa minha experiência:

Entretanto, ao fazer teatro, a aprendizagem é em teatro – o tema ou o assunto não seria o mesmo se a forma artística fosse outra. Sem o conhecimento das formas e convenções teatrais é improvável que os alunos possam se beneficiar deste processo de aprendizagem. É a forma que viabiliza a expressão e a comunicação de conteúdos. Quanto melhor o aluno conhecer a forma artística, melhor será sua aproximação ao assunto em foco. [...] Assim, se a expectativa é que os alunos aprendam ao fazer teatro, o objeto de avaliação deve ser teatro. (Cabral, 2002, p. 214).

Para uma avaliação em teatro é necessária não observar só um produto final, tem que dar importância aos pequenos resultados durante o processo, pois, no ensino do teatro, o professor propõe experimentações, ou seja, está andando por uma metodologia, mas por observar que não está funcionando com os alunos, propõe uma mudança. Sempre uma constante experimentação.

Na aula de teatro é natural que haja realizações incompletas, inacabadas, experimentais. É importante que sejam vistas como passíveis de serem melhoradas, pois, a aula de teatro tende a privilegiar processos de experimentação, de repetição, de tentativa e erro e de permanente procura de melhoramento. Esta dinâmica tanto requer frequentes interações de natureza avaliativa, ou seja, de “micro balanços sobre o desenvolvimento de tarefas realizadas pelos alunos e de intervenções reguladoras por parte do professor” (Ibidem, p. 115), que constituem permanentes oportunidades de aprendizagem, como obriga a um autocontrole, por parte do docente, da eventual tendência que possa ter para antecipar respostas e soluções ou para se assumir como modelo a seguir. (Falcão, 2014, p. 161).

Como o trecho supracitado fala, o ensino do teatro tende a dar importância aos processos. Beatriz Cabral pergunta-se se o foco no processo tem sido favorecido pela educação, colocando em contraposição o foco no produto. É possível considerar o processo de ensino como um resultado de produtos parciais, que podem se configurar como base da educação.

Mas, através das leituras críticas que fiz da BNCC do Novo Ensino Médio Integral, que é o foco dessa monografia, vejo que o documento não diz nada a respeito dos processos vivenciados durante qualquer aula, seja ela de teatro ou não. A BNCC está preocupada em saber do produto que é possibilitar ao aluno desenvolver as 10 competências gerais. Cabe ao professor dar a devida importância aos processos vivenciados nas aulas, já que o documento não prioriza.

“Assim, se a expectativa é que os alunos aprendam o fazer teatro, o objeto de avaliação deve ser teatro. Ao formular objetivos expressivos, o professor está abrindo espaço para a performance pessoal e original do aluno, que será a base da avaliação.” (Cabral, 2002, p. 214). Com esse trecho referenciado, trago o exemplo de quando o teatro é usado como auxiliador de aprendizagem de um determinado conteúdo, como foi o caso do meu estágio obrigatório que usou do teatro para se aprender de um outro assunto que não era o teatro. Será avaliado o assunto que foi aprendido e não o teatro propriamente.

Beatriz Cabral em seu artigo discute as formas de avaliação em drama, mas podemos trazer os exemplos para o processo de avaliação de uma aula de teatro.

John O’Toole e Brad Haseman (1988, p. II-III) enfatizam que julgar a qualidade do trabalho do aluno significa exclusivamente responder à demanda do sistema educacional. Eles consideram que julgamentos sobre respostas baseadas em sentimentos e crescimento emocional sempre trazem problemas, e para minimizá-los os julgamentos devem ser relacionados com a expressão, apropriação, manipulação e controle do meio (médium). (Cabral, 2002, p. 217).

No parágrafo supracitado evidência a necessidade da avaliação só por necessidade de preencher um diário, concluindo se o aluno foi aprovado ou não. Entretanto, na avaliação só para suprir o sistema educacional, é difícil conseguir medir a parte do sensível, emocional e o aprendizado real que o ensino do teatro propõe.

É notável as problemáticas que envolvem um processo de avaliação em Arte (teatro, dança, música e artes visuais) e as dificuldades em que os professores têm por não terem uma metodologia concreta para as avaliações em Arte. Porém, é indispensável a avaliação. Através dela, o professor consegue se planejar para os próximos passos no processo de ensino.

Aprender teatro e aprender através do teatro. Quando se usa o teatro para se aprender outro assunto, não se avalia o teatro em si, mas o conteúdo auxiliado. Só que em um processo assim, não quer dizer que um aluno não aprendeu teatro. O mesmo aprendeu, só não será o

foco da avaliação. Dito isso, reflito sobre a minha experiência no Estágio Obrigatório III, os alunos tiveram a vivência teatral para aprender sobre saúde mental nas redes sociais, utilizando da linguagem corporal, artística e científica através do teatro, compartilhando informações sobre o assunto trabalhado na eletiva (itinerário formativo). Toda essa vivência é descrita na competência geral 4 que é o foco da minha pesquisa.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (Brasil, 2018, p. 9).

Entretanto, para avaliar os alunos na experiência do Estágio Obrigatório III, afim de concluir se possibilitei aos mesmos desenvolverem a competência geral 4, poderia me valer de duas maneiras. A primeira, que já foi citada aqui nesse capítulo, que é observar e analisar os processos vividos na construção da peça teatral, utilizando da intuição do professor(eu) sobre o que os alunos externalizaram durante cada jogo, movimentação e construção de cena. Assim, concluirei que foi experimentada uma nova linguagem como pede na competência. Seguindo a segunda etapa do processo avaliativo poderia ser usado a forma mais tradicional, uma prova escrita sobre o assunto da eletiva (itinerário formativo) para ter uma conclusão que o mesmo foi aprendido, confirmando assim que as vivências durante as leituras, rodas de conversas, experiências teatrais foram importantes para a fixação do assunto estudado. Assim, alcançando o que diz no final da citação sobre a competência 4, expressar-se e dividir informações para que facilite o entendimento de todos.

Enfim, caro leitor, para uma síntese do que foi esse capítulo, irei definir pontos importantes do mesmo. Trouxe a minha experiência no Estágio Obrigatório III em detalhes para que ficasse melhor o entendimento dos processos. Como expliquei, usei no meu estágio o teatro para mostrar o assunto foco da aprendizagem da eletiva (itinerário formativo) que não foi o teatro propriamente. Abordei as possibilidades de avaliar o teatro, com o olhar nas subjetividades que existem em cada aluno e refleti sobre medir os resultados de uma aula de teatro. O óbvio seria uma avaliação utilizando a linguagem teatral, alinhado com a importância nos processos vividos dentro da sala de aula e a minha intuição para os resultados externalizados pelos alunos em seus processos internos de aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final do trabalho. Irei recapitular algumas ideias e pontos para que juntos possamos entender a possível conclusão da presente monografia. A questão da pesquisa foi analisar se durante o meu Estágio Obrigatório III consegui promover conhecimentos aos alunos possibilitando aos mesmos desenvolverem a competência geral 4. Desta forma, como metodologia, utilizei de pesquisa de caráter etnográfico e qualitativo, pois me vali de uma pesquisa bibliográfica através de leituras e análise de documentos, em especial da BNCC do Novo Ensino Médio Integral, utilizei da minha a experiência pessoal de campo no Estágio Obrigatório III e entrevistei professoras da instituição para obter informações reais.

A motivação para essa pesquisa surgiu da experiência do Estágio Obrigatório III e se era possível propiciar ao aluno o desenvolvimento da competência geral 4 através das minhas aulas durante o estágio. Visto que esse novo foco de ensinar para o desenvolvimento de competências dos alunos é uma proposta do Novo Ensino Médio Integral, surgiram muitas dúvidas de como ensinar nessa nova conjuntura. Assim, a pesquisa torna-se relevante visto que expõe pontos e experiências no processo de ensino/aprendizagem desse Novo Ensino Médio Integral através da minha experiência do Estágio Obrigatório III.

Escolhi como parâmetro avaliativo a competência geral 4 da BNCC do Novo Ensino Integral, mas surgiu a dúvida de como avaliar, para se obter um resultado. Diante disso, a BNCC não define maneiras de se avaliar competências e na busca por essa resposta realizei as entrevistas.

Diante das respostas das entrevistas, retomo o pensamento de Beatriz Cabral sobre a necessidade da intuição do professor para uma conclusão de um processo interno, através de resultados externos reverberados pelos alunos. Pois, a avaliação socioemocional utilizada no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho parte do olhar intuitivo do professor através das práticas e ações mostradas pelos alunos.

Claro que a Arte é um aprendizado muito subjetivo. Mesmo sendo uma prática coletiva, o resultado é reverberado individualmente em cada aluno. Tendo em vista esse olhar, afirmar que consegui desenvolver 100% a competência de um aluno é incerta. Como a professora Josenilda Marcedo destaca, “ninguém nunca consegue desenvolver e aprender nada 100%, tem aqueles que ficam conversando e se dispersam... Até uma aula comum com conteúdo é difícil um aluno aprender tudo, mas acredito que é possível desenvolver sim.” (Marcedo, 2024).

Através de uma avaliação socioemocional, observando e relembrando a experiência nas aulas, concluo que consegui possibilitar aos alunos o desenvolvimento e uma vivência dos mesmos alinhada com a competência geral 4. Os alunos utilizaram da linguagem corporal e verbal, através do teatro para partilhar a informação e assunto trabalhado na eletiva na qual ministrei as aulas. É evidente o entendimento mutuo sobre o assunto aprendido através do resultado da peça que apresentamos para a escola e para a CIENART.

Para firmar a minha análise da BNCC e do ensino de Arte na mesma, precisamos lembrar que colocar as disciplinas agrupadas por áreas do conhecimento está fragilizando o real sentido da Arte na escola. A Arte está inserida na área de Linguagens, cujo objetivo central é alfabetização e letramento. Dessa forma, coloca-se a disciplina de Arte como apoio para a Língua Portuguesa, ignorando o fato da própria disciplina ter conteúdos e objetivos próprios no processo de ensino/aprendizagem do aluno. É preciso resistir a essas mudanças para que se possa ainda existir. A luta pela valorização da Arte como área de conhecimento autônoma ainda não acabou. Assim finalizo minha monografia, obrigado por ter chegado até aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Ricardo. CLAVERY, Elisa. Sem acordo na Câmara, votação do projeto do novo ensino médio é adiada para 2024. **GloboNews e TV Globo**, Brasília, 19 de dezembro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/12/19/sem-acordo-na-camara-votacao-do-projeto-do-novo-ensino-medio-e-adiada-para-2024.ghtml>>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- Enem 2023: 60 redações tiraram nota mil; na edição anterior, foram 18. **GloboNews e TV Globo**, Brasília, 16 de janeiro de 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/enem/2023/noticia/2024/01/16/enem-2023-60-redacoes-tiraram-nota-mil-na-edicao-anterior-foram-18.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- SANTOS, Emily. et al. Câmara aprova o Novo Ensino Médio após acordo sobre carga horária de matérias obrigatórias. **GloboNews e TV Globo**, Brasília, 20 de março de 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/20/camara-aprova-novo-ensino-medio-apos-acordo-sobre-carga-horaria-de-materias-obrigatorias.ghtml>>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- BARBOSA, A. M. O dilema das Artes no Ensino Médio no Brasil. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, p. 9–16, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15702>>. Acesso em: 4 fev. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf>. Acesso em 10 nov. 2023.
- BRASIL. lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 07 mar. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm>. Acesso em: 25 dez. 2023.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 25 dez. 2023.
- CABRAL, B. A. (2002). Avaliação em Teatro: Implicações, problemas e possibilidades. **Sala Preta**, 2, 213-220. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p213-220>>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- CRUVINEL, Tiago. A avaliação qualitativa do ensino de Arte no Ensino Médio. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 077–095, 2019. DOI: 10.5965/1414573101342019077. Disponível em:

<<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019077>>. Acesso em: 4 fev. 2024.

CRUVINEL, Tiago. Qual o futuro da disciplina Arte a partir da BNCC do Ensino Médio?. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1–23, 2021. DOI: 10.5965/1414573101402021e0206. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18970>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CRUVINEL, Tiago. Estudos do corpo na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio. **Contrapontos**, v. 20 n. 2 (2020). DOI: 10.14210/contrapontos.v20n2.p312-323. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/16195>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FALCÃO, Miguel. Teatro no currículo: avaliar o quê e para quê? **CIED – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais/Escola Superior de Educação de Lisboa**, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.21/3561>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Indagações sobre currículo: currículo e avaliação / [Cláudia de Oliveira Fernandes, Luiz Carlos de Freitas]; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 2007.

GUILARDUCI, Cláudio. Entre direitos iguais, é a força que decide: a arte (Teatro) na BNCC. **Anais Abrace**, São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, v. 20 n. 1, p. 1–14, mai. 2020. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4463>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ICLE, Gilberto. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro?. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 17, p. 070–077, 2018. DOI: 10.5965/1414573102172011070. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011070>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

MACEDO, Zélia. et al. **Livro de resumos / XII Feira Científica de Sergipe**. 2022. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 21 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://www.cienart-se.com.br/arquivos/981180e877b7329cb76841129c542a20.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MARCEDO, Josenilda da Silva. Entrevista concedida a Jhonatan Santana Batista. Via Google Meet, Itabaianinha/SE, 27 fev. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "I" desta monografia].

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **ENEM - apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791#:~:text=Criado%20em%201998%2C%20o%20Exame,ensino%20m%C3%A9di%20em%20anos%20anteriores>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

MORAES, Filipe Brancalião Alves de. **Abrir um buraco no presente**: a aula de teatro como experiência política. 2023. 313 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-27062023-103424>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SAMPAIO, Carlos, et. al. Do conceito de educação à educação no neoliberalismo. **Revista Diálogo Educacional, Curitiba**, v. 3, n.7, p. 165-178, set./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/4921/4885>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**; tradução de Ingrid Dormien koudela. – São Paulo: Perspectiva, 2001. 75 p.

TAVARES, Emanuele dos Santos Teles. Entrevista concedida a Jhonatan Santana Batista. Via Google Meet, Itabaianinha/SE, 28 fev. 2024. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "II" desta monografia].

APÊNDICE I
ENTREVISTA COM A PROFESSORA JOSENILDA DA SILVA
MARCEDO

Jhonatan: A eletiva (itinerário formativo) implica em alguma nota podendo definir o aluno como aprovado ou não no final do ano letivo? Se sim, como é registrado no sistema educacional, ou diário, essa nota?

Professora Josenilda: A eletiva não implica em nota, até porque não é obrigatório e não tem avaliação. O aluno que escolhe qual eletiva mais se identifica e quer participar. Nós temos um sistema que é do Novo Ensino Médio Integral em que colocamos o assunto trabalhado na eletiva e a metodologia usada, mas nota mesmo não tem.

Jhonatan: Então, a eletiva não influencia em nada na aprovação ou reprovação desse aluno?

Professora Josenilda: Não influencia diretamente, se caso esse aluno esteja precisando de nota para ser aprovado e for para um conselho de classe, os professores podem levar em consideração a participação e desempenho desse aluno na eletiva, porém não é regra do sistema, são casos que acontecem aqui no colégio.

Jhonatan: Entendi, irei partir para a próxima pergunta. Durante as aulas da eletiva que participei, foram desenvolvidas ou se tentou desenvolver algumas das 10 competências gerais ou habilidades que a BNCC pede? Se sim, quais?

Professora Josenilda: Sim! Nós trabalhamos na eletiva com as competências específicas da área de Linguagens, não foquei em nenhuma das competências gerais, mas acredito que se trabalhado as competências específicas da área, consegui desenvolver algumas das competências gerais. Eu trabalhei as competências específicas 1 e 3 da área de Linguagens na eletiva. Vou ler para você as competências. A primeira é compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. E a terceira é utilizar diferentes linguagens, verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação. Como na eletiva

utilizamos do teatro para levar o conteúdo para a CIENART e uso pinturas com os alunos, mostro outras linguagens e maneiras de se expressar.

Jhonatan: Mas, com a sua experiência do novo ensino médio integral, é possível desenvolver competências em alunos?

Professora Josenilda: Olha, vou ser bem sincera, ninguém nunca consegue desenvolver e aprender nada 100%. Tem aqueles que ficam conversando e se dispersam. Até numa aula comum com conteúdo, é difícil um aluno aprender tudo, mas acredito que é possível desenvolver sim.

Jhonatan: Quais são os tipos de avaliações usadas por você para medir o desenvolvimento das competências dos alunos?

Professora Josenilda: Não uso uma avaliação objetiva, avalio pela avaliação socio emocional que é o comprometimento do aluno, participação, pelo respeito, valores que consigo observar durante a vivência na escola que foram desenvolvidos. Observo o que foi feito no caderno, como foi a interação desse aluno nas atividades praticadas, oficinas, debates e o relacionamento com os outros colegas e professor. Responsabilidades de horário, justificar falta e entre outras questões; essa é a maneira de avaliar. Depois, observo as competências e vou analisando com esses pontos para saber se o aluno conseguiu desenvolver e tirar uma conclusão.

Jhonatan: O Novo Ensino Médio consegue preparar o aluno para o mundo pós escola ou colégio?

Professora Josenilda: Esse Novo Ensino Médio está recebendo muita crítica. Eu mesma trabalho na eletiva de projeto de vida e os alunos não sabem o que querem para futuro. No primeiro ano, faz a minha eletiva e, no outro ano, vai para outra. Chega no terceiro ano e se descobre em outra eletiva. No final, não conseguiu sair com nada concreto, mas acredito que para alguma coisa serviram essas experiências. Porém, é muito bonito no papel e na prática não acontece. Vou contar um fuxico, tem escolas particulares que estão só preenchendo e desenvolvendo o ensino integral só no papel, porque, na prática, os alunos estão estudando para o ENEM. Até nas escolas públicas mesmo, tem professores que na sua eletiva estão dando os assuntos e conteúdos aprendidos na sua formação e não o que era para ser desenvolvido na eletiva. Eu acho que as competências e habilidades pode ajudar os alunos no mundo depois da escola, porém não irá salvar e resolver todos os seus problemas.

Jhonatan: O governo disponibilizou alguma capacitação para esse Novo Ensino Médio?

Professora Josenilda: Fazem as capacitações, uns encontros, mas explicar de fato e dar suporte, não! Quando chegou para nós professores esse novo jeito de ensinar, ficamos nos perguntando, e agora, o que eu vou ensinar? Fomos estudar por fora, fazer especializações por conta própria para poder ensinar.

Jhonatan: Muito obrigado por essa entrevista professora!

APÊNDICE II

ENTREVISTA COM A PROFESSORA E EX DIRETORA EMANUELE DOS SANTOS TELES TAVARES

Jhonatan: Como foi o processo de implementação do Novo Ensino Médio Integral no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho?

Emanuele: De início a equipe da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura (SEDUC), foi até o colégio para apresentar como funcionava o Novo Ensino Médio Integral e para mostrar através dos estudos e resultados, o porquê da implementação no Centro de Excelência Prefeito Joaldo Lima de Carvalho. Mostrou que a cidade de Itabaianinha se encaixava entre uma das cidades com o maior número de estudantes que finalizam o Ensino Fundamental. Isso foi um ponto forte para o estado querer começar a implementação na escola da cidade. Sem contar que temos como base resultados bons no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Tudo isso colaborou para a escolha da implementação como escola piloto do Novo Ensino Médio Integral. Porém, começou o embate com os tramites legais, porque para implementar o Novo Ensino Médio Integral não é só chegar na escola e dizer que a escola foi escolhida. A proposta vai parar no conselho escolar e a escola não é obrigada a aderir ao Novo Ensino Médio em tempo integral. Mas, caso a escola optar em não aderir, precisava apresentar um contraproposta para mostrar como funcionaria durante 10 anos o ensino nessa escola e de uma forma que essa proposta vencesse a proposta do Novo Ensino Médio Integral. Então, quando foi analisado a proposta do Novo Ensino Médio Integral, os investimentos do governo e a perspectivas futuras, chegamos a um consenso, que seria melhor implementar

Foi tudo muito novo, investimos em tempo de estudo, várias formações disponibilizadas pelo governo e seleção de novos professores para o Novo Ensino Médio Integral. A escola, pelo dia, era em tempo integral para as turmas de 1º ano e 2º ano, 3º ano e, à noite, o ensino regular, durante o processo de implementação. Uma das maiores dificuldades que tínhamos era em estrutura da escola. (A escola) Não estava preparada para essa mudança. Começaram a acontecer alguns reparos paliativos e só agora, em 2024, começou reforma na parte física. Mas, os incentivos do governo eram diretos para escola, as verbas vinham já destinadas com o material físico, como armários, equipamentos tecnológicos, materiais de uso do dia a dia, entre outros. Esse começo foi desafiador para entender como funcionava essa grade tão diversificada e tão diferente do ensino anterior. Por exemplo, as eletivas é algo que não era da nossa realidade

e, com ajuda da diretoria regional e contato com outras escolas, começamos a caminhar. Essa implementação era na busca de promover uma melhora no ensino, porque o índice de jovens que saem formados do Ensino Médio é menor do que entram no 1º ano. Então, o Novo Ensino Médio Integral traz a importância de permanecer no Ensino Médio, mostrando várias maneiras para o aluno.

Jhonatan: Como ficou organizados os componentes curriculares, principalmente Arte e seus horários?

Emanuele: Atualmente eu não estou na direção do colégio, estou em sala de aula e minha disciplina é Espanhol, porém na grade não tem o nome Espanhol, pois deixou de ser obrigatória, mas tem a oficina de comunicação e aí dentro dessa oficina ensino a língua espanhola. Nas escolas que já têm professores de espanhol lotados, a direção coloca na oficina de comunicação, porém pode ser ministrada por outros professores também.

Uma coisa que eu não concordo é que a carga horária de algumas disciplinas permaneceu a mesma de quando só era ensino regular. Português, por exemplo, 3 aulas, mas acredito que a intenção não é aumentar as aulas das disciplinas, pois a proposta que se tem hoje de governo é quebrar essas estruturas das disciplinas; e, na minha opinião, há um risco para o futuro das licenciaturas, porque, por exemplo, existem várias eletivas, então, dependendo da grade formada na escola, pode chegar a bagunçar, se ela não fizer uma escolha tão coerente, pensando no aluno que vai fazer o ENEM.

As mudanças vão surgindo o tempo todo e no caso de Arte o que eu percebo é que está com duas aulas por turmas. Porém, tem um impasse muito grande para o que está no papel e o que acontece no chão da escola. Como tem 10 anos que teve um concurso público no estado, poucas escolas que eu conheço tem um professor formado na área lecionando. Por exemplo, lá no Centro de Excelência não tem um professor da área de Arte; então, é necessário um olhar para isso.

Jhonatan: Como os professores têm avaliado, em suas disciplinas, o desenvolvimento das competências e habilidades propostas no Novo Ensino Médio?

Emanuele: Teve uma divisão de opiniões, porque quando se pensou na implementação, alguns dos professores meio que se rebelaram no sentido de estarem preocupados acreditando que o novo ensino em tempo integral chegando, eles seriam obrigados a saírem da escola por não terem (ofertada) suas disciplinas e terem que ir para outra escola de ensino regular. Fizeram protesto na porta da escola, tentaram uma ação na cidade para convencer estudantes a não se

matricularem. Inclusive, no dia da eleição do conselho para aprovação do Novo Ensino Médio, esses professores ficaram na frente da escola tentando convencer os membros do conselho a votar contrário.

O que eu posso dizer é, não é o que imaginávamos de início, os desafios são maiores do que se imaginava antes de implementar. Desafios de se deparar com jovens de vários lugares e de várias realidades para ficar o dia todo na escola. A direção via crises de ansiedade e situações desafiadoras; essa implementação não foi tão fácil, mas deu para seguir.

Jhonatan: Quais as formas de avaliação que os professores usam em suas disciplinas para medir se conseguiram desenvolver as competências dos alunos?

Emanuele: Em relação a forma de avaliação, vou usar a disciplina de Arte como exemplo. Como as disciplinas estão separadas por área, a disciplina de Arte está na área de Linguagens. Dessa forma, cada disciplina da área elabora três questões para formar um simulado e é válido como parte da pontuação. A segunda parte é a avaliação socioemocional, que o professor irá levar em consideração o comportamento do aluno e desenvoltura dentro da sala de aula, atividades que o professor considera que são necessárias para avaliar o desenvolvimento do aluno, a exemplo de seminários, roda de conversar, outras formas de avaliar que não seja prova escrita, pois sabemos que existem várias formas de avaliar o aluno. Através dessas possibilidades, o professor observa quais competências o aluno conseguiu desenvolver. Estou falando das aulas das disciplinas e não das eletivas, pois não se precisa de uma avaliação objetiva. No final, as notas são dadas por áreas do conhecimento, é somada as notas das avaliações de todas as disciplinas dentro da área, dividida pela quantidade de disciplinas e é obtida o valor da nota por área do conhecimento.

Jhonatan: O Novo Ensino Médio consegue preparar o aluno para o mundo pós escola ou colégio?

Emanuele: Então, até hoje os pais chegam para mim e perguntam se é melhor colocar o aluno no Novo Ensino Médio Integral. Eu acredito que é a melhor opção. Porém, quando se fala de preparação para fora, por exemplo, uma faculdade e universidade, o Novo Ensino Médio Integral precisar crescer e melhorar. Existem alunos que saem do terceiro ano com uma mentalidade preparada para o mercado de trabalho ou para prestar algum vestibular. Mas, em conversa com os colegas na escola, vejo a falta de estímulo por parte dos alunos. A cada ano, os alunos estão mais desestimulados a estudar e não foi por acaso que o governo federal desenvolveu um incentivo de 200 reais mais a bolsa que quando finaliza o ensino médio o

aluno recebe. Porque isso aconteceu? O governo não está só preocupado com o aluno no sentido de ter uma condição melhor financeiramente, leva em conta os baixos índices de alunos que finalizam o Ensino Médio. Não vejo mais nos jovens aquela sede de vencer. Talvez a pandemia influenciou. Mas, o Novo Ensino Médio Integral vem com essa proposta de tentar estimular o jovem a permanecer estudando com o seu horário de estudo e com várias propostas novas de se aprender.

Jhonatan: Muito obrigado por essa entrevista professora!